

Da sociedade do controle à sociedade da transparência: novas maneiras de compreender o fundamentalismo religioso¹

From the society of control to the society of transparency: new ways of understanding religious fundamentalism

Breno Luiz Gomes Afonso²
Breno Martins Campos³

Resumo: Este artigo analisa as relações entre modernidade e fundamentalismo religioso, adotando como orientação conceitual as ideias seminais de Byung-Chul Han (filósofo sul-coreano radicado na Alemanha). Segundo os conceitos de *negatividade* e *positividade*, na forma abordada por Han, foi-nos possível observar o fundamentalismo religioso como um movimento que contraria a tese geral de que a negação da alteridade e do afastamento daquilo que é estranho foi suprimida em favor da lógica positiva, pela qual todas as coisas são niveladas segundo parâmetros do capital. Oferecemos, portanto, uma análise bibliográfica e de caráter exploratório que apresenta o modo como os aspectos negativos e positivos estão, ao mesmo tempo, intrinsecamente presentes no discurso fundamentalista, tornando-o um fenômeno articulado frente às mudanças sociais e culturais da contemporaneidade.

Artigo recebido em: 10 de agost. de 2021
Aprovado em: 20 de dez. 2021

¹ Este artigo é resultado de pesquisa de Iniciação Científica, financiada pelo Fundo de Apoio à Iniciação Científica (FAPIC/Reitoria). Agradecemos, portanto, à PUC-Campinas o fomento para o pleno desenvolvimento desta investigação.

² Graduando em Ciências Sociais, bolsista de Iniciação Científica. Membro do Grupo de Pesquisa RELINC (“Religião, Cultura e Sociedade”) do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da PUC-Campinas.

³ Doutor em Ciências Sociais. Professor do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião e da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-Campinas.

Palavras-chave: Fundamentalismo religioso, Modernidade, Negatividade, Positividade, Byung-Chul Han.

Abstract: This article analyzes the relationship between modernity and religious fundamentalism, adopting as conceptual orientation the seminal ideas of Byung-Chul Han (a South Korean philosopher based in Germany). According to the concepts of *negativity* and *positivity*, as approached by Han, we could observe religious fundamentalism as a movement that contradicts the general thesis that the denial of alterity and the rejection of what is strange was suppressed in favor of positive logic, whereby all things are leveled according to the parameters of the capital. Therefore, we offer a bibliographical and exploratory analysis that presents how the negative and positive aspects are, at the same time, intrinsically present in the fundamentalist discourse, making it an articulated phenomenon in the face of contemporary social and cultural changes.

Keywords: Religious Fundamentalism, Modernity, Negativity, Positivity, Byung-Chul Han.

Introdução

Ao utilizarmos a obra de Byung-Chul Han – filósofo de origem sul-coreana radicado na Alemanha – para o desenvolvimento de nossa argumentação, consideramos também, de antemão, a necessidade de apresentar da forma mais rigorosa possível (dentro dos limites deste texto) a definição dos conceitos fundamentais para a assimilação do pensamento do filósofo, a saber, o que ele quer dizer com negatividade, positividade e transparência.

Para a exploração da complexidade do pensamento e obra de Han, exige-se a compreensão da dicotomia construída entre modelos de sociedade, como parâmetros comparativos no desenvolvimento do raciocínio que sustenta a tese do que é a modernidade na perspectiva dele. Considerando que as concepções de negatividade, positividade e transparência não possuem uma definição direta e explícita nos textos que utilizamos, e que seu significado se encontra disperso ao longo de seus livros, para fins didáticos, a definição de tais conceitos será apresentada na ordem julgada por nós como a mais eficiente para o entendimento.

Nosso objetivo não é tão somente a compreensão de alguns dos conceitos seminais de Han – ou seja, não pretendemos a definição pela definição (o que já seria bastante legítimo) –, mas, acima de tudo, contribuir com um passo a mais para a apreensão dos sentidos do fundamentalismo religioso na contemporaneidade.

1. Negatividade e positividade na obra de Byung-Chul Han

No capítulo de abertura do livro *Sociedade do cansaço*, intitulado “A violência neuronal”, utilizando uma metáfora da patologia, Han oferece uma primeira noção do que seja uma organização humana pautada pelo aspecto *negativo*.

Cada época possui suas enfermidades fundamentais. Desse modo, temos uma época bacteriológica, que chegou ao seu fim com a descoberta dos antibióticos. Apesar do medo imenso que temos hoje de uma pandemia gripal, não vivemos numa época viral. Graças à técnica imunológica, já deixamos para trás essa época. Visto a partir da perspectiva patológica, o começo do século XXI não é definido como bacteriológico nem viral, mas neuronal. Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a síndrome de burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. Não são infecções, mas infartos, provocados não pela *negatividade* de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de *positividade*. Assim, eles escapam a qualquer técnica imunológica, que tem a função de afastar a negatividade daquilo que é estranho.⁴

Assim como grande parcela da população do planeta, Han não poderia imaginar que, alguns anos mais tarde (em relação a seu texto), o mundo passaria por uma pandemia causada por um vírus. Numa espécie de complemento de suas ideias em face da realidade que se impôs, reconhece que agora não guerreamos tão somente contra nós mesmos, mas contra um inimigo que vem de fora e que demanda a volta de limites imunológicos.⁵ Entretanto, a leitura da citação acima ainda é pertinente para fazermos interpretações importantes sobre o significado dos conceitos utilizados pelo autor.

Com o objetivo de contextualizar a ideia de negatividade, podemos fazer duas considerações importantes. A primeira é que, obviamente, positividade é o oposto de negatividade e, portanto, o entendimento de um conceito abre caminho para a compreensão de

⁴ HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2019a. p. 7-8.

⁵ HAN, Byung-Chul. O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã, segundo o filósofo Byung-Chul Han. *El-País*, Madrid, 22 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3zN9uUx>. Acesso em: 13 jul. 2021.

outro. A segunda é que a utilização da perspectiva patológica na argumentação assume papel estratégico na construção da imagem de negatividade, visto que ele associa a lógica imunológica à negatividade. Ou seja, uma vez que a ação imunológica é definida como ataque e defesa, o objeto da defesa imunológica é a estranheza como tal: mesmo que o estranho não tenha nenhuma intenção hostil, mesmo que ele não represente nenhum perigo, é eliminado em virtude de sua alteridade.⁶ Trata-se o negativo de um mecanismo que tem por função reagir a tudo aquilo que não está adequado à ordem vigente e, por isso, deve ser afastado ou eliminado.

Para além de um dispositivo de reação ao diferente, a negatividade também pode ser vista como um processo necessário frente à violência trazida pelo excesso de positividade:

Hoje, por causa da onda crescente e até massificante de informações, está se encolhendo cada vez mais a capacidade superior do juízo. Muitas vezes um *minus* de informações ocasiona um *plus*. Não é raro que a *negatividade* do abandonar e do esquecer tenha um efeito produtivo.⁷

Podemos atribuir duas características que, juntas, respondem bem à demanda de definir o que é a *negatividade* na obra e no pensamento de Byung-Chul Han. Primeiramente, incorporando a dinâmica imunológica de reação, a negatividade assume um caráter de resposta a agentes que não operam na lógica hegemônica, exigindo necessariamente a existência de polos opostos que coexistam e entrem em conflito. Em contrapartida, a negatividade está fundamentada na ideia do *demorar-se*, a qual contém a aceleração e abre, portanto, espaço para a contemplação.

Quanto à concepção de *positividade*, voltemos à dicotomia entre diferentes modelos de sociedade construídos por Han ao longo de sua investigação:

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias de *fitness*, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shoppings centers e laboratórios de genética. A sociedade do século

⁶ HAN, 2019a, p. 8-9.

⁷ HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. 2 reimpr. Petrópolis: Vozes, 2018b. p. 17.

XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade do desempenho.⁸

Sobre a mudança na lógica social do século XXI, Han continua:

A mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho aponta para a continuidade de um nível. Já habita, naturalmente, o *inconsciente social*, o desejo de maximizar a produção. A partir de determinado ponto de produtividade, a técnica disciplinar ou o esquema negativo da proibição se choca rapidamente com seus limites. Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento. A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever. Assim o inconsciente social do dever troca de registro para o registro do poder.⁹

Falar da mudança paradigmática da sociedade disciplinar (tomada pela *negatividade*) para o modelo de sociedade pautado pelo desempenho (influenciado pela *positividade*) requer a compreensão de qual foi o ponto de Han – a fim de que ele pudesse construir uma argumentação lógica frente às mudanças trazidas por esse novo paradigma. Ele parte do debate público acerca da transparência, que é evocado enfaticamente e conjugado sobretudo com o tema da liberdade de informação:

A exigência da transparência, presente por todo lado, intensifica-se de tal modo que se torna um fetiche e um tema totalizante, remontando a uma mudança de paradigma que não se limita ao âmbito da política e da sociedade. Assim, a sociedade da negatividade dá espaço a uma sociedade na qual vai se desconstruindo cada vez mais a negatividade em favor da positividade. Portanto, a sociedade da transparência vai se tornando uma *sociedade positiva*.¹⁰

⁸ HAN, 2019a, p. 23.

⁹ HAN, 2019a, p. 25.

¹⁰ HAN, 2018b, p. 9.

É preciso discutir o tema da transparência não como um fato isolado, mas como um conceito que carrega em si uma dimensão multifacetada e que exerce diferentes tipos de influência. É possível analisar processos de transparência como um movimento de coação, que abrange toda a dinâmica social no sentido de construir uma sociedade uniformizada. Han percebe que essa coação por transparência caminha pela mesma via da aceleração, assumindo, assim, a função de operacionalizar e acelerar tudo aquilo que toca.

A comunicação alcança sua velocidade máxima ali onde o igual responde ao igual, onde ocorre uma *reação em cadeia do igual*. A negatividade da *alteridade do que é alheio* ou a resistência do *outro* atrapalha e retarda a comunicação rasa do igual. A transparência estabiliza e acelera o sistema, eliminando o outro ou o estranho. Essa coação sistêmica transforma a sociedade da transparência em uma sociedade *uniformizada (gleichgeschalet)*. Nisso reside seu traço totalitário, em uma “nova palavra para dizer uniformização: *transparência*”.¹¹

Observamos que a *engrenagem* transparente opera com a finalidade de suprimir a singularidade das coisas para as tornar iguais; portanto, a sociedade da transparência é um abismo infernal do igual,¹² no qual os seres humanos são nivelados a um elemento que funcione dentro do sistema. Se transparência é tudo isso, então, é certo que liberdade e espontaneidade não se encontram no campo comum a ela, mas em uma instância oposta, na qual não há transparência nenhuma. Uma vez que a transparência, na perspectiva de Han, é a causa direta da *positividade*, a lógica transparente pode ser definida como um mecanismo que elimina de si toda e qualquer negatividade, torna as coisas rasas e planas, e as encaixa sem nenhuma resistência no curso raso do capital.¹³

Se tomarmos o processo de “positivação” da sociedade como um processo de “alisamento” ou “aplanamento” em que as coisas se integram no fluxo do capital, na sua aceleração, e pelo qual sua singularidade é suprimida,¹⁴ mesmo na sociedade descrita por Michel Foucault, podemos identificar certo grau de positividade:

¹¹ HAN, 2018b, p. 11.

¹² HAN, 2018a, p. 10.

¹³ HAN, 2018b, p. 10.

¹⁴ CUNHA, Diego Silva da. Positividade, transparência e controlo. A sociedade da transparência. *Comunicação Pública*, Lisboa, v. 10, n. 17, 2015. Não paginado. Disponível em: <https://bit.ly/2VJxfLc>. Acesso em: 19 fev. 2021.

jamais as guerras foram tão sangrentas como a partir do século XIX e nunca, guardadas as proporções, os regimes haviam, até então, praticado tais holocaustos em suas próprias populações. Mas esse formidável poder de morte [...] apresenta-se agora como o complemento de um poder que se exerce, positivamente, sobre a vida que empreende sua gestão, sua majoração, sua multiplicação, o exercício, sobre ela, de controles precisos e regulações de conjunto.¹⁵

Entretanto, a “positividade” observada e presente nos escritos de Foucault se desenvolve sob a lógica de superação de um poder de *causar a morte* pelo poder que *gera a vida*. É preciso, desse modo, diferenciar o pensamento de Michel Foucault da concepção de positividade de Han – que reconhece a importância da obra do francês, mas argumenta que a análise dele quanto ao poder carece de aspectos que seriam fundamentais para entender a sociedade da transparência.

Segundo Foucault, desde o século XVII o poder já não se manifesta como poder de morte nas mãos de um soberano semelhante a Deus, e sim como poder disciplinar. O poder soberano é o poder da espada, que ameaça com a morte. Toma para si o “privilegio de se apoderar da vida para suprimi-la”. O poder disciplinar, ao contrário, não é um poder de morte, mas um poder de vida, cuja função já não é matar, mas sim afirmar completamente a vida. A antiga potência de decidir sobre a morte cede lugar a uma cuidadosa “administração dos corpos” e à “gestão calculista da vida”.¹⁶

A biopolítica é a técnica de governança da sociedade disciplinar, mas é totalmente inadequada para o regime neoliberal, que, antes de tudo, explora a *psique*.¹⁷

Aparentemente, ainda não lhe parecia claro que a biopolítica e a população, como categorias genuínas na sociedade disciplinar, não são adequadas para descrever o regime neoliberal. Logo, não realiza a virada para a *psicopolítica* que teria sido necessária.¹⁸

Ou seja, diferentemente da aplicação de instituições disciplinares de controle dos corpos, os mecanismos de controle da *sociedade da positividade*, segundo a qual pretendemos observar o

¹⁵ FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 127-128.

¹⁶ HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné, 2018a. p. 33.

¹⁷ HAN, 2018a, p. 35.

¹⁸ HAN, 2018a, p. 37-38.

fundamentalismo, bebem exatamente na fonte da positividade, em que a dominação age não mais sobre os corpos, mas sobre a psique.

Ressaltamos que não está dentro do escopo deste artigo julgar se, de fato, hoje se vive em uma sociedade da transparência, na qual a positividade é exercida de modo absoluto e a negatividade foi suprimida. Interessa-nos analisar o fundamentalismo religioso a partir das perspectivas colocadas pelas noções de positividade e negatividade de Han.

2. Fundamentalismo religioso, negatividade e positividade

Consideramos indispensável uma breve exposição da origem do termo “fundamentalismo”, que hoje nomeia tantos fenômenos sociais diversos. Para isso, voltamos os olhos para o final do século XIX e início do XX, tempos em que os EUA apresentavam uma paisagem favorável aos cristãos evangélicos,¹⁹ que conseguiam exercer de forma confortável influência na sociedade pela difusão de seus ideais para além dos limites de seus templos. Entretanto, a migração de teologias vindas especialmente da Europa para a América do Norte, naquele período, passou a representar uma ameaça aos princípios dos evangélicos conservadores.

Advindas da Europa, ideias tais como as do evolucionismo darwinista e as da alta crítica aplicada aos textos da Bíblia – ambas pondo em xeque a veracidade histórica dos relatos bíblicos e, logo, sua confiabilidade como um todo – exigiram atitudes capazes de fortificar o edifício. Se, até então, o relato da criação conforme o livro de *Gênesis* era tido como descrição confiável sobre a origem do mundo, *A origem das espécies*, publicado em 1859, propôs um entendimento diverso para explicar o desenvolvimento dos seres vivos que não se harmonizava com a compreensão religiosa. A alta crítica, por sua vez, ao se permitir investigar a origem dos textos bíblicos e a compreender a variada gama de livros que compõem a Bíblia como obedecendo a determinados gêneros, com seus protocolos de leitura particulares, desestabilizou a ideia de um livro

¹⁹ ALMEIDA, Leandro Thomaz de. O movimento fundamentalista nos Estados Unidos. In: ALMEIDA, Leandro Thomaz de (Org.). *Rostos do fundamentalismo: abordagens histórico-críticas*. São Paulo: Terceira Via, 2017. p. 27.

harmônico e infalível. [...] Esses elementos causaram uma fissura na harmonia até então experimentada entre ciência e religião, ao menos como esta era possível de ser apreendida entre os evangélicos.²⁰

Assim, a doutrina da inerrância bíblica passa a ter papel fundamental no discurso evangélico que, a partir de então, apresentava-se como um verdadeiro dispositivo de reação. A coletânea *The Fundamentals: a Testimony to the Truth* (1910-1915), dentre outras publicações, representou o valor máximo em defesa do conceito de *fundamento*. O lançamento da série de 12 livretes mostra que um dos principais posicionamentos do movimento fundamentalista estava mesmo relacionado à Bíblia e seu estatuto de palavra inerrante de Deus: “entre os fundamentos a serem defendidos a Bíblia facilmente ocupava o primeiro lugar”.²¹ Chegamos, aqui, a um ponto essencial do debate, pois a verdade encontrada somente nas Escrituras não se trata de um aspecto perdido no tempo das origens, pelo contrário, é algo que se perpetua na história e se consagra como uma das principais características do fundamentalismo – que age dentro do campo da religião nos dias atuais e não somente nos EUA, mas em boa parte do mundo cristão.

A centralidade bíblica continua a ser o reflexo da crença justificada pela posse e defesa intransigente de uma verdade absoluta e imutável, presente na maioria dos modelos de fundamentalismo que coexistem em nosso tempo:

fundamentalismos, religiosos ou não, funcionam pelo aprisionamento e posse da verdade (a nossa) – e pela negação de quaisquer verdades outras (as dos outros). Quem está com a verdade (*estrutura*) tem também as *palavras* corretas e fidedignas, portanto, não precisa ouvir e nem respeitar o outro, que é sempre alguém a ser convertido, conquistado ou eliminado.²²

Tais características nos instigaram a pensar no lugar que o fundamentalismo religioso ocupa no tipo de organização social moderna teorizada por Han. Assim, as noções de positividade e negatividade nos permitem propor como a ação fundamentalista pode ser vista dentro das concepções descritas por Han. As obras *Sociedade do cansaço* e *Sociedade da transparência* anunciam um ponto de vista de análise da sociedade, segundo o qual os aspectos

²⁰ ALMEIDA, 2017, p. 27-28.

²¹ ALMEIDA, 2017, p. 36.

²² CAMPOS, Breno Martins; SALLES, Walter Ferreira. Apresentação: o fundamentalismo religioso como aprisionamento da verdade. In: CAMPOS, Breno Martins; SALLES, Walter Ferreira (Org.). *Fundamentalismos religiosos: três abordagens distintas e complementares*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017. p. 17-18.

advindos da *negatividade* foram suprimidos em favor de uma força que tende à *positividade*; no entanto, investigar o fundamentalismo religioso em nosso contexto vital conduz à percepção de que a observação pode ser feita a partir de associações tanto com os aspectos negativos quanto com os positivos.

Para sustentar a argumentação sobre a sociedade da transparência, Han apresenta os pontos da negatividade que foram supostamente suprimidos e que, portanto, não fazem parte dessa nova organização social, tomada hegemonicamente pelo vetor da positividade. Debruçando-se sobre temas como ciência, política, amor e teoria, Han se empenha em mostrar as implicações dessas instâncias na sociedade da transparência e se elas, em sua essência, são ou não fenômenos da positividade. Todos os aspectos trabalhados são, obviamente, dignos de atenção e reflexão, entretanto, neste caso, interessam-nos seus apontamentos sobre a *verdade*:

Transparência e verdade não são idênticos. A verdade é uma negatividade na medida em que *se põe e impõe*, declarando tudo o *mais* como falso. Mais informação ou um acúmulo de informações, por si sós, não produzem qualquer verdade; falta-lhes direção, saber e o *sentido*. É precisamente em virtude da falta de negatividade do verdadeiro que se dá a proliferação e massificação do positivo.²³

Uma vez que o fundamentalismo não pode aceitar visões de mundo que sejam diferentes da sua nem conviver com elas,²⁴ a partir da leitura do ponto de vista de Han sobre o que é a verdade, podemos perceber, de forma lógica, que a estrutura fundamentalista bebe diretamente da fonte da *negatividade*. Se a verdade é uma negatividade e, assim, impõe-se declarando tudo o mais como falso, do mesmo modo que o fundamentalismo não tolera a existência de verdades fora de sua própria tradição, a dinâmica fundamentalista, então, acaba por adotar também uma postura de reação, típica da razão imunológica negativa.

O fundamentalismo, visto sob esse prisma, parece agregar a si um caráter de repulsa àquilo que não converge com seus ideais religiosos e morais, afastando – na maioria dos casos, de forma violenta – tudo o que não se encaixa nos padrões estabelecidos pela crença defendida. Podemos considerar, desse modo, o fundamentalismo como a materialização da expressão de Han: mesmo que o estranho não tenha nenhuma intenção hostil, mesmo que ele não represente nenhum perigo, é eliminado em função de

²³ HAN, 2018b, p. 24-25.

²⁴ CAMPOS; SALLES, 2017, p. 14.

sua alteridade. Se nesse ponto o fundamentalismo se aproxima tanto da lógica da negatividade (mesmo que para Byung-Chul Han se viva em um grande oceano de positividade), então o fundamentalismo (religioso) mostra-se como uma ilha tomada pela negatividade da reação, do afastamento e da defesa de uma verdade única.

Está claro que a dinâmica fundamentalista se assenta na *negatividade*, de modo que possamos dirigir nossa atenção também às convergências do aspecto positivo com o fundamentalismo religioso, analisadas segundo dois eixos principais: a violência internalizada e direcionada contra o próprio *eu*; e o espetáculo como meio para a disseminação do discurso.

Em *Topologia da violência*, Han se empenha em apresentar a mudança paradigmática ocorrida no *fator violência* ao longo da história e como ele se apresenta na modernidade – e, ainda, como se reflete no sujeito contemporâneo.

O fim da sociedade pré-moderna da soberania como sociedade do sangue submeteu a violência a uma mudança topológica. Ela já não é uma parcela de comunicação política e social, mas retira-se para espaços subcomunicativos, subcutâneos, capilares, intrapsíquicos. Desloca-se do visível para o invisível, do direto para o discreto, do físico para o psíquico, do marcial para o medial e do frontal para o viral. Não se dá confrontação, mas contaminação; não se dá ataque aberto, mas infecção oculta. Esses são seus modos de atuação, e essa modificação estrutural da violência é o que domina cada vez mais sua ocorrência.²⁵

A internalização psíquica, portanto, é um dos deslocamentos topológicos centrais da violência na modernidade, já que a violência toma forma de conflito intrapsíquico, e tensões destrutivas são suportadas internamente, em vez de serem descarregadas para fora – o *front* de batalha não se desenrola externamente, mas dentro das pessoas.²⁶ O excesso de estímulos advindos da *positividade* mostra que esse novo tipo de atividade hostil está diretamente ligado às formas de dominação desenvolvidas pelo sistema econômico na contemporaneidade. Han vê nessa nova dinâmica social trazida pelos estímulos positivos um tipo de dominação e violência exaustivas, que coloca o sujeito em uma posição de *autoviolaência*:

A positivação do mundo faz surgir novas formas de violência. Essas não partem do outro imunológico. Ao contrário, elas são imanentes ao sistema. Precisamente em virtude de sua imanência,

²⁵ HAN, Byung-Chul. *Topologia da violência*. 2 reimp. Petrópolis: Vozes, 2019b. p. 20-21.

²⁶ HAN, 2019b, p. 22.

não evocam a defesa imunológica. Aquela violência neuronal que leva ao infarto psíquico é um *terror da imanência*. Esse se distingue radicalmente daquele horror que procede do *estranho* no sentido imunológico. A Medusa é quiçá o outro imunológico em sua forma extrema. Constitui uma alteridade radical, que nem sequer se pode olhar, sem sucumbir. Assim, a violência neuronal, ao contrário, escapa a toda lógica imunológica, pois não tem negatividade. A violência da positividade não é privativa, mas saturante; não excludente, mas exaustiva.²⁷

Podemos pensar no cansaço enunciado por Han também segundo a lógica do sujeito fundamentalista, no sentido daquilo que Maria Rita Kehl²⁸ chama de *ressentimento* na contemporaneidade:

O ressentimento é uma constelação efetiva que serve aos conflitos característicos do homem contemporâneo, entre as exigências e as configurações imaginárias próprias do individualismo e os mecanismos de defesa do *eu* a serviço do narcisismo. A lógica do ressentimento privilegia o *indivíduo* em detrimento do sujeito e contribui para sustentar nele uma integridade narcísica que independe do sucesso de seus empreendimentos.²⁹

A discussão trazida pela psicanalista pressupõe um mal-estar do *eu* em relação ao outro, produzindo um sentimento de indignação em relação a algo ou alguém que é visto como ameaça. Entretanto, a raiva e a indignação voltam-se contra si mesmo; assim, pensando nos termos de Han, causam aquele tipo de incômodo psíquico trazido pela sociedade positiva, na qual a dialética de senhor e escravo dá lugar à lógica em que cada um carrega consigo um campo de batalha no qual somos, ao mesmo tempo, prisioneiro e vigia, vítima e agressor.³⁰

Tendo em vista o momento histórico no qual emergiu o fundamentalismo religioso e analisando-o como movimento de reação a aspectos do que se chama “modernidade”, é possível uma análise em relação ao que Maria Rita Kehl chama de ressentimento e, portanto, à própria noção do cansaço causado pelo aspecto

²⁷ HAN, 2019a, p. 19-20.

²⁸ KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. 3 ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

²⁹ KEHL, 2020, p. 9.

³⁰ HAN, 2019b, p. 47.

positivo da contemporaneidade. É no novo modo de responder às questões humanas e encontrar justificativas para os fenômenos naturais e sociais trazidos pelas mudanças culturais da modernidade, fundamentadas especialmente no método científico, que o fundamentalismo percebe a iminente ameaça ao símbolo máximo de sua tradição, ou seja, a verdade materializada na Bíblia.

Se o ressentimento pressupõe, além de tudo, o fato de que o ressentido não se atreve, ou não se permite responder à altura da ofensa recebida, parece que o sujeito fundamentalista – dentro de sua própria matriz religiosa, em fase de catarse e agonia³¹ – não é capaz de conter as mudanças políticas, culturais e sociais trazidas pela modernidade, e, por isso, assume uma posição de aflição constante. É dessa agonia produzida pelo ressentimento que emerge o aspecto negativo fundamentalista, que, vendo no outro aquilo que o aflige, acaba por assumir uma posição violenta de reação típica da dinâmica imunológica de afastamento daquilo que não é familiar.

Além disso, é pertinente considerar um segundo aspecto da positividade para pensar o fundamentalismo religioso. No processo de retirar a singularidade das coisas e as tornar funcionais no ritmo do capital, a *positivação da modernidade* resulta também na centralidade da imagem na “nova ordem” instituída pela transparência e pela positividade.

Na sociedade positiva, na qual as coisas, agora transformadas em mercadorias, têm de ser *expostas* para *ser*, seu valor cultural desaparece em favor de seu valor expositivo. Em vista desse valor expositivo, sua existência perde totalmente a importância. Pois, tudo o que repousa em si mesmo, que se demora em si mesmo passou a não ter mais valor, só adquirindo algum valor se for *visto*. A coação por exposição, que coloca tudo à mercê da visibilidade, faz desaparecer a *aura* enquanto “manifestação de uma distância”. O valor expositivo constitui a essência do perfeito capitalismo e não pode ser reduzido à contraposição marxiana entre valor de uso e valor de troca. Não é valor de uso porque está afastado da esfera do uso; tampouco é um valor de troca porque não reflete qualquer força de trabalho. Deve-se unicamente à produção de chamar a atenção.³²

A nova lógica espetacular e expositiva trazida pela positividade oferece ao fundamentalismo novos meios de desenvolver seu

³¹ CAMPOS, Breno Martins. A exclusão do outro na história do mesmo: uma tentativa nova de classificar o velho fundamentalismo religioso. *Religare*, João Pessoa, v. 15, n. 2, 2018, p.354-381. Disponível em: <https://bit.ly/37sUFdS>. Acesso em: 8 abr. 2021.

³² HAN, 2018b, p. 27-28.

discurso. No caso de algumas das grandes igrejas cristãs, ou de setores dentro delas, por exemplo, o espaço midiático oferecido pelo alcance dos meios de comunicação se complementa com a construção de narrativas violentas de defesa da verdade – da sua própria verdade – e da demonização de religiões outras. É nesse sentido que o fundamentalismo religioso inserido no contexto da sociedade positiva – ou da transparência – consegue trazer à tona seus sentimentos mais *negativos* e *imunológicos*. Primeiro, vindo no outro aquilo que reprime em si, o sujeito fundamentalista traz consigo um ressentimento que causa o cansaço típico do processo de positividade da sociedade. Segundo, existindo dentro de um cenário em que se preza a imagem – e a necessidade de exposição de todas as coisas –, o fundamentalismo religioso eleva sua conduta negativa e reacionária a um patamar iluminado pelos holofotes dos meios de comunicação e a realiza com a justificativa de defesa da verdade única.

Considerações finais

O dinamismo da ação humana demanda investigação constante e observação atenta das mudanças na lógica e nos processos sociais em diferentes contextos – o que é próprio das ciências humanas e sociais. Concepções que outrora foram suficientes para explicar um fenômeno podem não mais desvendar a complexidade de uma nova dinâmica trazida pelo constante movimento de transformação. Assim, como outros grandes temas de pesquisa, o fundamentalismo religioso se mostra como assunto sempre digno de revisão. Portanto, apresentar uma *definição definitiva* para o movimento fundamentalista em suas diferentes vertentes é assumir grande risco.

Desse modo, este artigo apresenta um empreendimento que sugere um novo olhar ao fundamentalismo, de acordo com as ferramentas oferecidas pela obra de Byung-Chul Han. Observamos que o fundamentalismo apresenta, de fato, uma relação bastante íntima com o que Han chamou de *negatividade*. A negação de outras verdades – que não a sua – e o afastamento de crenças e condutas que escapam à lógica de seu próprio ideário fazem com que a figura do fundamentalista reflita uma imagem extremamente reacionária e imunológica, pensando nos termos de Han.

Em contrapartida, reconhecendo que fenômenos sociais não são – e não devem ser – rígidos a ponto de se apresentarem de modo unilateral, observamos também, no contexto do século XXI, uma aproximação da lógica fundamentalista à *positividade*. A violência

contra o próprio *eu* e a adequação absoluta ao ritmo do capital, transformando tudo em meras imagens, mostram que o fundamentalismo, antes de se apresentar como um fenômeno reativo, utiliza-se dos meios trazidos pela sociedade positiva (ou da transparência) para ampliar os limites de seu discurso.

Referências

- ALMEIDA, Leandro Thomaz de. O movimento fundamentalista nos Estados Unidos. In: ALMEIDA, Leandro Thomaz de (Org.). *Rostos do fundamentalismo: abordagens histórico-críticas*. São Paulo: Terceira Via, 2017. p. 23-48.
- CAMPOS, Breno Martins. A exclusão do outro na história do mesmo: uma tentativa nova de classificar o velho fundamentalismo religioso. *Religare*, João Pessoa, v. 15, n. 2, 2018, p.354-381. Disponível em: <https://bit.ly/37sUFdS>. Acesso em: 8 abr. 2021.
- CAMPOS, Breno Martins; SALLES, Walter Ferreira. Apresentação: o fundamentalismo religioso como aprisionamento da verdade. In: CAMPOS, Breno Martins; SALLES, Walter Ferreira (Org.). *Fundamentalismos religiosos: três abordagens distintas e complementares*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017. p. 11-20.
- CUNHA, Diego Silva da. Positividade, transparência e controle. A sociedade da transparência. *Comunicação Pública*, Lisboa, v. 10, n. 17, 2015. Não paginado. Disponível em: <<https://bit.ly/2VJxfLc>>. Acesso em: 19 fev. 2021.
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- HAN, Byung-Chul. O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã, segundo o filósofo Byung-Chul Han. *El-País*, Madrid, 22 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3zN9uUx>. Acesso em: 13 jul. 2021.
- _____. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné, 2018a.
- _____. *Sociedade da transparência*. 2 reimp. Petrópolis: Vozes, 2018b.
- _____. *Sociedade do cansaço*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2019a.
- _____. *Topologia da violência*. 2 reimp. Petrópolis: Vozes, 2019b.
- KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. 3 ed. São Paulo: Boitempo, 2020.